

O POBRESINHO

Um pobre velho passava de uma vez por uma aldeia.

A barba comprida e os poucos cabellos que tinha eram brancos como a neve; e o corpo vergado para o chão e tremulo mostrava que já devia ter muitos annos.

O seu aspecto era triste; e os andrajos que mal lhe cobriam o corpo estavam cheios de poeira.

O bernal não tinha um só bocadinho de pão. Tudo n'elle era miseria.

Caminhava lentamente arrimado a um cajado, até que parou defronte de uma granja de muito boa apparencia; a caseira estava no pateo a lidar; elle entrou e pediu-lhe hospitalidade; porem ella o despediu com maus modos, sem mesmo lhe dizer: "Deus o favoreça, irmãosinho."

O velho mendigo soltou um longo suspiro, e com as lagrimas nos olhos continuou o seu caminho.

Depois de haver dado alguns passos, do outro lado da estrada encontrou uma habitação. Aproximou-se e bateu á porta. Uma mulher, ainda nova, foi abril-a, e o mendigo pediu-lhe agasalho.

—Entre, irmão, respondeu ella, repartirei consigo do que eu tiver.

A boa da mulher cuidou do velho com muito carinho, e, como era já noite, instou com elle para que ficasse em casa até pela manhã.

—Vou-me embora, minha filha, disse-lhe elle; tenho as minhas horas contadas. Porem fica sabendo

que o que deste ao pobre o emprestaste a Deus; por isso eu te abençoô.

E, erguendo-se magestosamente, o seu rosto suavissimo illuminou-se de um resplendor celestial.

—Repara bem, proseguiu elle; o primeiro acto que praticares amanhã, só terminará com o dia. Adeus!

Mal acabára de proferir estas palavras achava-se já na estrada, caminhando com muito custo.

Realizou-se a prophecia.

No dia seguinte pela manhã, a caridosa mulher, sem se lembrar de nada, começou a medir um bocadinho de renda, que comprára para adornar a sua touca domingueira.

Qual não foi, porem, a sua admiração ao ver que quanto mais media mais a renda crescia, a ponta de ter já a seu lado uma grande rima de peças! Mas isto continuou todo o dia; e ao anoitecer já a casa estava cheia até ao tecto com a mais bonita renda que os seus olhos tinham visto.

A noticia d'este acontecimento depressa correu por toda a aldeia. A unhas de fome da caseira é que ficou desesperada. Essa dava agora tudo para que o pobresinho voltasse. A occasião não se fez esperar: dois dias depois d'este acontecimento passou novamente pela granja. D'esta vez porem foi ella que se dirigiu ao velhinho e lhe pediu muito que entrasse.

O pobre mendigo não se fez

rogado; entrou. A caseira serviu-lhe succulentas iguarias, e elle comeu.

Depois de estar bem conchegadinho por dentro, partiu dizendo á caseira, que não cabia em si de contente:

—Mulher, a primeira cousa que tu fizeres amanhã de manhã fal-a-has todo o dia.

Chegada a noite, a maliciosa caseira metteu debaixo do travesseiro uma bolsa cheia de peças de ouro, com o fim de pegar n'ella no dia seguinte, logo que acordasse. Mas, vejamos como os seus planos falharam.

O gallo acabava de dar o sig-

nal de alvorada; a caseira abriu os olhos e apressava-se a deitar a mão á bolsa quando de repente uma pulga lhe mordeu na cara. Começou a coçar-se; porém, milhões de pulgas saltaram ao mesmo tempo em roda d'ella e puzeram-se a mordel-a sem cessar. As duas mãos não bastavam já para as afugentar do corpo; saltou abaixo da cama e em um abrir e fechar d'olhos sahiu para o pateo e deitou a fugir pelos campos fóra, sem que os creados, que já estavam a pé, podessem agarral-a.

Correram todos á sua procura, mas ninguem mais a tornou a vêr.

X X

Secção Charadistica

Sob a direcção de EFFE DE ENNE

Por indicação do director desta revista, apparece o infr'assignado como encarregado desta secção.

Se não contasse de antemão com o valioso auxilio dos distinctos charadistas patricios, certo que o humilde EFFE DE ENNE não se arrojaría a assumir encargo de tal responsabilidade.

Espera, portanto, que os distinctos confrades honrem esta secção com a sua talentosa collaboração, por sem duvida necessaria ao brilhantismo da nossa modesta SECCÃO CHARADISTICA.

A todos os nossos anticipados e sinceros agradecimentos.

Regras a observar

De perfectos accordo com as leis adoptadas no almanak LUSO-BRASILEIRO, aqui as publicamos, para que sejam tomadas na devida consideração.

Não serão publicados logogryphos com menos de 4 soluções parciaes, nem com mais de 15 letras na sua decifração total, bem comó os que sejam feitos sobre versos alheios, ou contenham letras extranhas á sua decifração.

Não serão publicadas charadas que tenham mais de uma parcial formada por syllabas insignificativas, ou aquellas em que as syllabas não sejam rigorosamente divididas em conformidade com as regras da grammatica. As novissimas devem formar uma phrase de sentido perfeito, por fórma que da sua leitura não resulte um disparate.

Não se publicam: logogryphos—telegrammas, charadas bisadas, neobisadas, syncopadas, apocopadas, apheresadas, epentesadas, augmentativas, em terno, em quadra, em quina, em losango, nem outras quejandas nullidades enygmaticas, que, sobre não terem merito algum que

as recomende, quebram a cabeça dos decifradores, prestando-se a maior parte das vezes a mais de uma solução.

As listas de decifrações devem ser enviadas o mais tardar até 15 do mez seguinte ao da publicação desta revista.

Pedimos a todos os nossos colaboradores que nos enviem o mai-

or numero de artigos possivel e de diferentes especies, e que não nos enviem artigos muito estensos por que o espaço que nos reservaram é pouco.

Contamos, pois, com o auxilio dos dignos confrades no cumprimento das regras acima.

Effe de Enne

Logogripho.

Para Gervasio Luz.

Emerge o Sol da immensidão celeste
e ás roseas portas do Levante assoma.

Como um leão sacode a fulva coma, 4, 5, 6

olhando attento as extensões do Oeste. 6, 2, 2, 1, 7, 6

Outono. Um cunho de tristeza toma 7, 5, 4, 4, 6
o colorido da paysagem agreste.

Mal se percebe planta ou flor que empreste 1, 4, 2, 5, 1
ao ambiente uns a tomos de aroma.

As andorinhas, emigrando aos pares,
abandonaram nos casaes os ninhos,
talvez em busca de ignotos lares. 2, 1, 7, 1, 7.

Folhas inundam os vincos dos caminhos. 7, 3, 4, 2, 6, 7
E nos rosaes, a diffundir pezares,
choram roseiras lagrimando espinhos.

Josmaro.

Novissimas.

Ao Cleto Barreto.

O devoto não finge e cumpre sempre á risca 2, 2
o que lhe ordena a Lei, ás barbas dos preceitos. 2, 2
Do templo no altar recolhe, em farta messe, 1, 2
a crença, a flor do amor, alegre e satisfeito. 1, 1

Manovar.